



## A ARCA DA DISCÓRDIA

### *THE ARK OF DISCORD*

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Annateresa Fabris<sup>i</sup>

**RESUMO** – A animação brasileira **Arca de Noé** (2024) é uma recriação bastante livre do episódio bíblico, tendo como trilha sonora canções infantis de Vinicius de Moraes. O tom paródico da narrativa, o uso de gírias e a referência a temas atuais desagradaram à direita religiosa e também a setores da crítica cinematográfica.

**PALAVRAS-CHAVE** – animação; Noé; Bíblia; Vinicius de Moraes.

#### **Sob o signo da blasfêmia e do vilipêndio**

“Em meio à crescente polêmica, resta a dúvida sobre a responsabilidade das produções cinematográficas em relação ao impacto que seus conteúdos podem ter nas gerações mais jovens, especialmente quando há uma distorção dos valores tradicionais ou uma abordagem que não respeita a visão religiosa de uma

**ABSTRACT** – The Brazilian animation **Noah’s Ark** is a quite free recreation of the biblical story and its soundtrack are children rhymes by Vinicius de Moraes. The parodical plot, the use of slang and the mention to present events offended the religious right and were not appreciated by some film critics.

**KEYWORDS** – animation; Noah; Bible; Vinicius de Moraes.

parte significativa da audiência. Por enquanto os pais seguem alertando uns aos outros, pedindo que sejam cautelosos ao escolher filmes para os seus filhos”. Com tais palavras, o pernambucano Portal de Prefeitura encerra uma matéria dedicada às repercussões negativas que o filme de animação **Arca de Noé** (2024) teve junto ao público cristão (PORTAL DE PREFEITURA, 2024, s. p.).



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

Antes desse fecho, que não consegue disfarçar um viés censório, o autor anônimo destaca algumas opiniões de fiéis que enxergam “blasfêmia”, “distorção total de valores” e “tentativa de confundir as crianças e deturpar a palavra de Deus” no filme dirigido por Sérgio Machado e Alois Di Leo. Essa percepção negativa é provocada, em primeiro lugar, por uma fala da neta de Noé que questiona o critério de Deus – a arca receberá um casal de animais de cada espécie – em nome das “famílias LGBTQIA+”. Segue-se a representação negativa de Noé, o qual exibe um comportamento incoerente e, às vezes cômico, se veste como um mago e é zombado pelos animais abrigados na arca. Por fim são arrolados motivos genéricos: apresentação de comportamentos inapropriados para o público infantil, diálogos alusivos a “ideologias LGBT” e uso de palavrões e de duplos sentidos eróticos (PORTAL DE PREFEITURA, 2024, s. p.).

Três dias antes dessa postagem, ocorrida em 16 de novembro, Leiliane Lopes tinha divulgado no site Pleno.news as manifestações de alguns espectadores contrários ao filmes. Dentre elas, destaca-se a de Renata Oliva que arrola 16 motivos para não ver o filme:

- 1 – uso de linguagem inadequada por parte de Noé e de Deus. Noé pergunta a Deus “Como diabos” faria a arca e este retruca: “Se vira caboclo”;
- 2 – contestação da ordem de Deus pela neta de Noé que a considera absurda e lembra as famílias LGBTQIA+;
- 3 – presença de uma caveira como elemento de decoração na casa de Noé;
- 4 – representação negativa de Noé como um “bobalhão”, um “lunático” e uso de uma vestimenta que lembra a de um mago;
- 5 – comportamento abusivo do Leão, que ordena às serpentes o roubo dos convites para entrar na arca e lá chegando disputa o território e segrega os elefantes por serem gordos;
- 6 – utilização da linguagem neutra (“amigues”, “nudes”) por um animal;
- 7 – pedido dos animais para que seja cantada uma música a fim de “animar os espíritos”;
- 8 – incentivo à insensatez quando um animal diz que “um pouco de loucura não faz mal a ninguém”;
- 9 – zombaria de Noé pelos animais que o definem “velho incompetente”;
- 10 – proclamação pelo Leão de que a única lei divina é a do mais forte;
- 11 – construção de uma estátua do Leão com fins idólatras;
- 12 – sugestão de uma coroa na cabeça do Leão por meio de uma serpente enroscada nela;
- 13 – saque da comida pelos animais;
- 14 – consulta ao Bode sabichão para pôr fim ao clima conflituoso que imperava na arca. Este, no entanto, fala rápido e embolado e a



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

espectadora só conseguiu captar a palavra “capeta”;  
15 – aspecto exterior da arca, que começa a ficar “negra”;

16 – preparo de uma poção pela esposa de Noé “com umas luzes coloridas” (LOPES, 2024, s. p.).

FIGURA 1



Cartaz oficial do filme. Foto: Divulgação

Num vídeo divulgado no Youtube, o pastor Antônio Júnior, que só assistiu ao trailer da película, no qual não encontrou nenhum problema, não hesita em declarar-se assustado com a

mensagem transmitida pela produção da Globo Filmes. Esta é acusada de reimaginar o relato bíblico, modernizando-o para torná-lo acessível ao público infantojuvenil. Trata-se de uma



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

maneira de retirar credibilidade do relato milenar, transformando a história de Noé num conto de fadas e, logo, a Bíblia num livro ultrapassado. Depois de afirmar que a relação entre Vini e Tom, os protagonistas do longa-metragem, é de natureza homoafetiva, o pastor declara que o filme tem como objetivo impor crenças da cultura *woke*. A esse estado de coisas contrapõe a necessidade do ensino do respeito, mas é evidente que se trata de uma visão de mão única, a julgar pela pregação que acompanha o suposto discurso crítico (ANTÔNIO JÚNIOR, 2024, s. p.).

O momento culminante do vídeo é a reprodução comentada do relato de uma mãe, que define o filme “diabólico”. Embora não nomeada, a mãe é Renata Oliva, cuja narrativa é retomada pelo pastor, que chama a atenção para as mensagens subliminares semeadas ao longo do filme, como a associação da serpente e do bode com Satanás; para o mau exemplo dado pela sequência do saque; e para a poção que remete à bruxaria. Para ilustrar melhor os danos provocados pelo filme, o pastor exhibe o vídeo de um pai indignado

que, ao ver na animação um vilipêndio à imagem de Deus e a desconstrução de todos os valores cristãos, se sente culpado por ter exposto os filhos a uma experiência tão negativa.<sup>1</sup> Depois de declarar “Estão tentando implementar ideologias”, o pastor encerra o vídeo com uma oração (ANTÔNIO JÚNIOR, 2024, s. p.).

Em outro vídeo divulgado no Youtube, Caio Modesto, que reprova a linguagem *woke* e LGBTQIA+ usada na película, ataca frontalmente a Globo Filmes, uma das produtoras ao lado de Gullane, VideoFilmes, NIP e Symbiosys Techonologies. A produtora cinematográfica confunde-se com a Rede Globo no discurso de Modesto, que usa um termo bem específico para definir a organização da família Marinho: “Agente de Satanás”. Conhecido por divulgar os movimentos LGBT e *woke*, o grupo Globo promoveu uma distorção da história bíblica e do livro de Vinicius de Moraes, que serviu de base para o roteiro, e usou como isca para o público infantil o cartaz no qual se vê uma menina cercada de bichos. Modesto atribui diversos crimes à Globo: inclusão de ideologia de gênero e de símbolos

<sup>1</sup> O autor do relato retirou-se da sala na sequência em que a neta de Noé defende a causa dos dois ratos amigos.



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

satânicos (serpente, bode, caveira); visão debochada de Noé; idolatria; ataque ao Decálogo (sequência do saque = desobediência ao 7º mandamento); incitação à desobediência (tentativa de embarque clandestino de Vini e Tom e rebeldia constante ao longo da narrativa). Vendo na película o fruto da decadência literária, o youtuber acusa a Globo de duplo vilipêndio – contra os fatos bíblicos

e contra o legado de Moraes – e declara em alto e bom som “Enviadaram a literatura de Vinicius”. Convencido de que o filme põe em risco a cosmovisão cristã, Modesto declara “A Globo não presta” e, logo em seguida, se dedica a uma ação de marketing, promovendo uma camiseta com frases bíblicas e um curso de Teologia ministrado por ele. (MODESTO, 2024, s. p.).

FIGURA 2



Tom, Nina e Vini. Foto: Divulgação

Será que o filme de Machado e Di Leo pode ser definido – como faz Modesto – “a arca de Noé gay”? Não há nele nada que autorize essa visão, pois Vini e Tom não lembram um casal homoafetivo; são apenas bons amigos, que partilham um

grande amor pela música e que se desentendem na tentativa de conquistar Nina, a ratinha que embarcou sem parceiro na arca. As duas personagens são uma criação dos roteiristas Sérgio Machado, Heloisa Périssé e Ingrid Guimarães



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

que, com elas, prestam uma homenagem a Tom Jobim e Vinicius de Moraes. O mesmo acontece com a pequena Susana, que evoca a cineasta Susana de Moraes, filha do poeta, responsável pelo lançamento, em 1993, da segunda versão musical de *A arca de Noé* com novos arranjos e novos intérpretes.<sup>2</sup>

## Além da Bíblia e de Vinicius de Moraes

O roteiro é, em grande parte, uma obra de invenção. A história de Noé fornece apenas o enredo conhecido de sobejo na cultura ocidental: o aviso de Deus, desgostoso com o comportamento humano; a construção da arca; o dilúvio; e a chegada ao monte Ararat, aliás, o único momento do relato bíblico evocado no livro *A arca de Noé* (1970)<sup>3</sup>, de Vinicius de Moraes. Como numa sequência cinematográfica, o poeta descreve o desembarque de Noé e dos animais numa natureza pacificada, com o arco-íris que “se desata / Na água límpida e contente / Do ribeirinho da mata”, e o sol que “Resplandece

resplendente / No céu, no chão, na cascata”. O primeiro a sair é “o prudente patriarca” de barbas brancas, seguido pela família e pelos animais que foram salvos do dilúvio. A princípio, Moraes descreve um desembarque cauteloso: a tromba “lenta, longa e incerta” do elefante que assoma na porta da embarcação; a cara do macaco que aparece no buraco de uma janela; as cabeças de duas “girafas amigas” que espiam das “janelinhas do sótão” (MORAES, 2004, p. 7-8).

Esse momento de perlustração é seguido por uma atmosfera de excitação no interior da arca “desconjuntada”, que parece prestes a ruir: ouvem-se o grito de uma arara, o miado de um gato, o zurro de um burro, o latido de um cachorro. A bicharada apressa-se em direção à porta. As aves, “por mais espertas / Saem voando ligeiro / Pelas janelas abertas”. Enquanto isso, “Em grande atropelo / Junto à porta de saída / Lutam os bichos de pelo / Pela terra prometida”: o leão se declara senhor dos bosques,

<sup>2</sup> Em 1980 e 1981 foram lançados os álbuns *A arca de Noé* e *A arca de Noé II*. A ideia de musicar os poemas publicados em 1970 surgiu em 1980 com o especial *A arca de Noé*, apresentado na TV Globo por ocasião do Dia da Criança.

<sup>3</sup> O livro foi publicado pela primeira vez em 1970 pela editora carioca Sabiá: continha 20 poemas,

ilustrados por Marie Louise Nery. Em 1991, acrescido de mais 12 poemas, foi publicado pela Companhia das Letrinhas, com ilustrações de Laurabeatriz. A Companhia das Letrinhas publicou, em 2004, uma nova edição com ilustrações de Nelson Cruz.



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1 Ano I dez/2024  
ISSN 3085-7309

sendo contradito por um tigre. Por fim,

[...] e não sem custo  
Em longa fila, aos casais  
Uns com raiva, outros com susto  
Vão saindo os animais.

Os maiores vêm à frente  
Trazendo a cabeça erguida  
E os fracos, humildemente  
Vêm atrás, como na vida (MORAES, 2004, p. 8-9).

Caracterizado por efeitos visuais e sonoros, o poema de abertura do livro é uma exaltação da força da vida que renasce depois de uma grande catástrofe:

Na serra o arco-íris se esvai...  
E... desde que houve essa história  
Quando o véu da noite cai  
Na terra e os astros em glória

Enchem o céu de seus caprichos  
É doce ouvir na calada  
A fala mansa dos bichos  
Na terra repovoada (MORAES, 2004, p.

9).

### FIGURA 3



Baruk. Foto: Divulgação

O restante do livro é dedicado a uma figura como São Francisco, à festividade do Natal, a crianças, a uma flor (girassol), a objetos (relógio, porta), a uma casa inusitada, ao ar, a inúmeros animais e a duas descrições sensíveis da morte, para acostumar os pequenos leitores com a ideia da finitude da vida. Se o roteiro extrai muito pouco do poema de Moraes – as barbas brancas de Noé, os

diversos animais, a arca prestes a desmantelar-se, a prepotência do leão, a desigualdade entre espécies imperante na natureza –, é possível perceber, porém, que outros versos do livro são aproveitados no filme sob forma musicada: **A casa, Menininha, A cachorrinha, O pato** (“Lá vem o pato / Pata aqui, pata acolá / Lá vem o pato / Para ver o que é que há”), **A galinha-d’angola, O relógio, A**



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

**corujinha, O leão, Os bichinhos e o homem.** A eles foi acrescentada a composição **Bode Severino**, de autoria de Machado.

O fio condutor da narrativa fílmica é a dupla de músicos Vini e Tom que, ao tomar conhecimento da catástrofe iminente, tenta conseguir um convite para embarcar na arca. Depois de uma desinteligência com Susana, os dois amigos entendem-se com a garotinha, que lhes promete facilitar o embarque. Outros animais, como o leão, tentam também conseguir o convite, usando de meios escusos. No dia do embarque, Vini, que estava usando trajes femininos e uma sandália plataforma, é descoberto por Noé e

se retira da embarcação, cedendo o lugar para Tom, numa demonstração de amizade. Encontra, porém, uma solução alternativa no precário barco da barata Alfonso, um aproveitador simpático e inventivo, que fala espanhol com sotaque mexicano. O embarque dos animais na arca é feito de maneira atabalhoada, com os mais vigorosos abrindo caminho à força, sem pensar nos direitos dos mais fracos. O leão Baruk logo demarca território: escolhe o lugar mais confortável e usa seus acólitos – Gorila, Onça, Zé Urso, um casal de hienas e outro de cascáveis – como elementos dissuasores, sob o olhar crítico da esposa Leoa.

FIGURA 4



Noé, Susana e Ruth. Foto: Divulgação



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

A convivência forçada de tantas espécies num espaço restrito não é pacífica sobretudo por causa da presunção de Baruk que, num certo momento, manda seus acólitos saquearem a despensa para conseguir mais comida. A ação provoca um rombo na embarcação e é por ele que Vini, Alfonso e os outros companheiros de aventura são atirados para dentro da arca. Para desanuviar o ambiente, poluído por disputas de poder e de alimentos, surge a ideia de um concurso canoro, no qual, mais uma vez, se destaca a prepotência de Baruk; embora não saiba cantar, está disposto a ganhá-lo e obriga Vini e Tom a dublá-lo nos bastidores. Ponto de convergência do filme, a sequência do concurso alcança o apogeu na apresentação da canção *Galinha-d'angola*, definida por Maria do Rosário Caetano “vibrante e explosivo número carnavalesco”, que bem poderia “empolgar desfile na Passarela do Samba” (CAETANO, 2024, s. p.).

Desmascarado graças a artimanhas dos dois músicos, o leão perde o poder, numa demonstração de que a união dos mais fracos é capaz de pôr em xeque um regime de força e prepotência. Enquanto isso, Noé solta Kilgore, uma andorinha macho, e Sônia, uma

pomba, para averiguar se o dilúvio tinha terminado. Em sua busca de terra firme, as duas aves são ajudadas por uma baleia-jubarte cor-de-rosa, que lhes indica o caminho e as transporta em seu interior, quando se sentem cansadas, numa alusão transversal a outra história bíblica, a de Jonas e o grande peixe. Depois de muito tempo, Sônia volta para a embarcação trazendo no bico um ramo de oliveira. Finalmente, a arca, cada vez mais desconjuntada, chega perto da terra firme; de maneira atabalhoada, os animais dão início ao desembarque, no qual se destaca a falta de jeito do leão com o ato de nadar.

Fica evidente por essa trama que a narrativa do filme pouco tem a ver com o relato bíblico que, como já foi assinalado, retoma apenas em suas linhas de força. Para ser uma interpretação fidedigna faltam-lhe muitos elementos: o embarque de Noé, da esposa, dos filhos Sem, Cam, Jafé e das noras; a ação de Deus para o fim do dilúvio; o tempo transcorrido na arca, que se estende por mais de um ano; a soltura de um corvo antes do envio de uma pomba; o holocausto na terra firme de “animais puros” e “aves puras” para agradecer ao Senhor que resolve não mais amaldiçoar a terra por causa da



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

humanidade (GÊNESIS, s. d. 6:13-22; 7:11-24; 8:1-22). Aliás, parece que ninguém notou que o filme não apresenta a perspectiva de salvação do gênero humano, pois Noé e sua esposa Ruth não têm mais idade para procriar e a neta não é acompanhada por um par...

### A visão da crítica cinematográfica

O “arco dramático” de Baruk, possivelmente o personagem mais bem desenhado da película, é analisado de maneira dicotômica por Luiz Santiago. O crítico aprecia sua trajetória de dominação, que “adquire contornos de intensidade incomum para uma animação deste tipo”. No entanto, acredita que “o impacto desse conflito” acaba sendo reduzido “por reviravoltas bobinhas e uma abordagem cômica final que destoia do que se construiu anteriormente na trajetória do personagem” (SANTIAGO, 2024, s. p.). Santiago parece não perceber que as “reviravoltas” e a comicidade final fazem parte de um desígnio preciso: desconstruir a figura do Soberano encarnada no primeiro momento, em que é um ser insuportável, ofuscado pelo próprio poder (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 538), um verdadeiro tirano que quer impor suas normas a todo custo. Figura

essencialmente paródica, o leão tem o viés tirânico acentuado pelo linguajar repleto de neologismos, que criam um elo – admitido por Machado – com Odorico Paraguaçu, personagem da novela **O bem-amado**, de Dias Gomes, transmitida pela TV Globo entre 22 de janeiro e 3 de outubro de 1973. Político demagogo e corrupto, que iludia a população da cidadezinha de Sucupira com discursos inflamados e verborrágicos, Paraguaçu se destacava pelo uso de termos inusuais, característica que o roteiro de **Arca de Noé** transpõe para Baruk, o qual, nos dizeres de Machado, poderia “ser (Donald) Trump, por exemplo” (CASALETTI, 2024, p. C3). Enfrentado por Nina e enredado por Vini e Tom, Baruk perde a pose e o poder no concurso musical e acaba revelando sua fraqueza no desembarque, quando evidencia não saber nadar e não poder contar com a ajuda de seu séquito, composto por seres subalternos irritáveis e não muito espertos, com exceção das cascáveis, sempre prontas a satisfazer os desejos do amo que não se cansavam de adular.

No site francês Focus on animation, Nathan destaca um aspecto do filme que passou despercebido no Brasil, a atenção



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1 Ano I dez/2024  
ISSN 3085-7309

dada a seres desprezados do universo animal. A seu ver, a ideia de “*mettre en lumière les êtres moins acceptés par la société animale [...] est originale et donne lieu à une courte odyssee parallèle*”<sup>4</sup>, que não é levada até o fim, pois a narrativa volta logo ao “*poncif du genre*”.<sup>5</sup> Nathan dá como exemplo a presença de insetos repulsivos (NATHAN, 2024, s. p.), sem citar Alfonso, por exemplo, mas suas considerações poderiam estender-se para as figuras dos ratos, animais impuros, prolíficos e esfomeados, associados a imagens de cupidez, avareza, roubo e apropriação fraudulenta de riquezas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 770-771), mas que no filme são apresentados de maneira positiva: como criadores, no caso de Vini e Tom e como uma personalidade destemida, no de Nina.

A releitura paródica do dilúvio, tema anteriormente tratado pelo cinema, associada à presença de músicas, é vista por Nathan como uma estratégia de diferenciação, mas não se pode esquecer que o assunto já tinha sido abordado de maneira não convencional por cineastas como Michael Curtiz e

Darren Aronofsky. O primeiro, em **A arca de Noé (Noah's ark)**, datado de 1928, traça um paralelo entre o dilúvio e acontecimentos contemporâneos como a Primeira Guerra Mundial, atribuída à vontade de Deus, e a adoração de falsos ídolos, simbolizados pela Bolsa de valores. Aronofsky, por sua vez, propõe em **Noé (Noah)**, lançado em 2014, a imagem de um guerreiro vegano, que “tem visões, envolve seus familiares na estranha missão de construir uma arca e, sobretudo, os obriga a se tornarem as últimas pessoas na face da Terra” (BELINCHÓN, 2014, s. p.).

Tendo em vista tais precedentes, não deve surpreender a opção dos roteiristas por uma atualização da narrativa, vista com ressalvas por Santiago. Dentre as “rachaduras notáveis” da película, o crítico destaca a “decisão arriscada do roteiro [...] de interpretar a narrativa bíblica à luz de temas contemporâneos, o que nem de longe é o verdadeiro intento do filme. Essa atualização inclui questionamentos éticos e morais sobre o próprio dilúvio, críticas à exclusão de famílias não heteronormativas, além de uma

<sup>4</sup> “destacar os seres menos aceitos pela sociedade animal [...] é original e enseja uma curta e surpreendente odisseia paralela”.

<sup>5</sup> “ clichês do gênero”.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

inserção constante de gírias e humor característico da geração atual” (SANTIAGO, 2024, s. p.).

O recurso à atualização também desagrada a Bruno Molinero:

**Arca de Noé** tenta soprar um pouco de novidade com piadinhas fáceis e piscadelas para o público, na esperança de cativar a criança sem perder o adulto. Há de tudo um pouco – referências ao TikTok e ao WhatsApp, imitação de Sílvio Santos, sugestão de que a arca é heteronormativa por não contemplar os LGBTQIA+, insetos que falam de ecovilas agroflorestais veganas. No fim, as sacudidinhas lembram o tio do pavê que tenta ser engraçado para se enturmar com a criançada (MOLINERO, 2024, p. B9).

Nathan, por sua vez, adota uma atitude dicotômica perante a questão. Pergunta, de início, se o filme se destaca em relação às antigas odisseias bíblicas e responde de maneira negativa com o argumento de que, como sempre, os animais fortes subjagam os demais no barco. O segundo questionamento envolve o concurso de canto na qualidade do elemento catalisador da narrativa, posto em xeque pelas músicas “*profondément anecdotiques*”.<sup>6</sup> Outro recurso não apreciado pelo crítico é a oscilação entre piadas fáceis (leão como rei

da criação) e as piscadelas metalinguísticas, representadas, por exemplo, pelo linguajar do Ser divino. No fim das contas, será que a película não corre o risco de desmistificar a história sem uma verdadeira intenção? Essa pergunta recebe duas respostas. Os “*beaux messages*”<sup>7</sup> de ajuda mútua, que lembram as fábulas de La Fontaine, são corriqueiros nos filmes infantis. A união dos fracos contra os fortes, que inverte o equilíbrio de poder, é definida, porém, uma mensagem “*claire, et beau d’autant plus qu’il est porté par un duo de protagonistes rongeurs attachant*” (NATHAN, 2024, s. p.).<sup>8</sup>

A opinião de que o filme é repleto de clichês é também apresentada por Molinero:

A trama é tão velha quanto o Antigo Testamento. O vilão é sempre mau, a personagem feminina é forte, os bravos heróis são íntegros e determinados, os coadjuvantes servem de alívio cômico. Tudo é previsível. Quantas histórias já não usaram a ideia de Davi contra Goliath, em que os fracos vencem os gigantes trogloditas?

É exatamente o que ocorre na animação. Cabe aos ratos, insetos e pequenos animais a função de questionar a autoridade leonina na

<sup>6</sup> “profundamente anedóticas”.

<sup>7</sup> “belas mensagens”.

<sup>8</sup> “clara e bonita, ainda mais por ser carregada por uma dupla cativante de protagonistas roedores”.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

arca. Para isso eles organizam um concurso de música, que serve de deixa para as canções de Vinicius pipocarem pela tela. Nem é preciso dizer, mas o leão acaba sendo desmascarado na competição, numa reencenação daquele conto clássico em que o rei aparece nu diante de seus súditos (MOLINERO, 2024, p.B9).

Na contramão dessas visões bastante negativas, Casaletti afirma que o “pulo do gato” do filme está na “ideia de colocar dois simpáticos ratinhos como protagonistas”, numa “clara referência à dupla Tom Jobim e Vinicius de Moraes”. A seu ver, a principal mensagem da película é a amizade: “Algo que Vinicius celebrou a vida toda, primeiro com Tom e, depois, com Toquinho injustamente não representado no longa”. Os elogios do crítico vão num crescendo: “Para muito além de uma fábula infantil e de uma animação primorosa, **Arca de Noé** tem textos e subtextos inteligentes, capazes de prender a atenção também de adultos. Vini, em certo momento, é chamado por uma cucaracha de ‘boêmio e vagabundo’. Ora, e não foi esse o argumento usado pela ditadura militar brasileira para afastar Vinicius do

Itamaraty?” (CASALETTI, 2024, p. C3).

## Destrinchando os símbolos

Esse breve percurso crítico requer algumas considerações para melhor situar as disputas culturais engendradas pelo filme. O ponto de partida serão os assim chamados “símbolos satânicos”. Se, em termos gerais, a caveira sinaliza perigo ou morte, sua simbologia é bastante rica, pois aponta também para a mudança e a renovação, a força do pensamento e a sabedoria, a humildade perante a vida, a mortalidade do ser humano. Nessa última acepção funciona como um *memento mori*, isto é, como uma lembrança do caráter transitório da vida, sendo uma presença constante na pintura barroca, quer integrando *vanitas*, quer associada a representações de santos como São Jerônimo, São Francisco de Assis, Santa Catarina de Siena, e de Maria Madalena, por exemplo. No contexto do filme, ela desempenha a função anacrônica de *memento mori*, não despertando nenhuma associação com o satanismo.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

FIGURA 5



Alfonso e Tom. Foto: Divulgação

Serpente e bode têm igualmente múltiplos significados. Símbolo de renascimento e renovação em algumas culturas, a serpente representa a tentação, o pecado e a traição na doutrina cristã. “Mais astuto” dos animais terrestres criados por Deus, ela se torna um instrumento do diabo ao induzir Eva a transgredir a ordem divina, a qual envolve Adão na quebra do interdito a fim de conquistar o conhecimento. Amaldiçoada por Deus, a serpente é condenada a ser inimiga da mulher, cuja descendência esmagará sua cabeça, num prenúncio da vinda de Cristo (GÊNESIS, s. d., 3:1-6, 14-15). Não

obstante essa associação com o demônio, que ganhará um tom dramático no **Apocalipse** (s. d., 12:9, 20: 2-3, 7-10), o animal desempenha outras funções simbólicas no **Antigo Testamento**. É símbolo de poder no episódio da vara de Aarão, atirada no chão diante do faraó e convertida em réptil (ÊXODO, s. d., 7:9, 12-15), e de salvação na ordem dada a Moisés de forjar uma serpente de bronze e colocá-la sobre uma haste para curar quem fosse mordido por ela e olhasse para sua representação (NÚMEROS, s. d., 21:8-9).<sup>9</sup> No filme, as cascáveis são apresentadas como criaturas

<sup>9</sup> Essa mesma função é evocada em Sabedoria, 16: 5-9.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

astutas e inescrupulosas, prontas a insuflar comportamentos negativos no leão, mas nem por isso podem ser consideradas um símbolo satânico **tout court**. O bode, por fim, não é apenas um dos tantos disfarces de Satanás, pois simboliza também o vigor, a perseverança e a prosperidade. É na qualidade de um ser dotado de sabedoria que é convocado para pacificar as tensões que tomavam conta da arca em virtude da prepotência do leão e de seu séquito.

## Na **contramão** do **neoliberalismo**

Não há como negar que o filme tem como fio condutor a disputa por espaço e alimento; é dela que surge o conflito entre os abusos praticados pelo rei da selva por meio de seus acólitos, e a contestação de Nina que, no fim, acaba por contagiar mesmo os animais omissos. Dentro desse contexto, Vini e Tom, auxiliados por outros bichos e por Susana, desempenham um papel fundamental, pois é graças à sua ação estratégica que desmascaram o leão, pondo em xeque seu poder arbitrário. Um país como o Brasil atual, politicamente cindido entre a nostalgia autoritária e a busca de

novos caminhos e novos atores, pode se mirar no espelho do filme de Machado e Di Leo, pois está continuamente sob o signo da tensão e do conflito iminente.

A solução desenhada no roteiro – vitória dos mais fracos que entenderam a necessidade de uma aliança – é um convite a construir um país mais equitativo, no qual as diferenças são reconhecidas e respeitadas. À noção de liberdade como “propriedade de si que explode toda possibilidade de constituição de um corpo social baseado na solidariedade” (SAFATLE, 2024, p. 18), própria do neoliberalismo, **Arca de Noé** contrapõe a necessidade de reinstaurar um conjunto de relações elementares a fim de superar a falsa ideia de um Eu dotado “da capacidade de decisão e escolha” (SAFATLE, 2024, p. 19-20). Se essa caracterização permeia o filme como um todo, ela é particularmente significativa no caso de Alfonso: apresentado como um empreendedor de “suas próprias habilidades” (SAFATLE, 2024, p. 19), pronto a usar todo tipo de expediente em nome do lucro individual, ele acaba por rever seu comportamento depois de experimentar a proximidade da morte e receber os cuidados de seus



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

companheiros de aventura. Desse modo, o personagem percebe que o individualismo exacerbado é um empecilho à vida em sociedade, descobrindo o valor da solidariedade.

Se o filme for visto nessa perspectiva, os “clichês” apontados por alguns críticos deixam de ter uma conotação pejorativa e se tornam instrumentos de uma visão analítica da sociedade atual por meio de brincadeiras, de alusões à emergência de novas configurações familiares e à crise climática, de gírias contemporâneas (“cruzeiro 0800”; “mimimi”; “like”; “área VIP”), da visão da arte como instrumento de coesão em momentos difíceis e de um salutar convite à desobediência diante de ordens taxativas e discriminatórias.

## De volta ao discurso crítico

Levando em conta esse panorama, torna-se difícil avaliar o juízo final de Nathan (2024, s. p.), para quem o filme

*n'est qu'une énième ré-interprétation banale d'un récit biblique. En jouant la carte de la parodie et de la dominante musicale, le duo de*

*réalisateurs espérait sûrement se démarquer des odyssées précédents. En vain. Reste alors un divertissement agréable si tant est que l'on sache à quoi s'attendre dès les lumières de la salle éteintes.*<sup>10</sup>

A mesma ressalva pode ser feita à avaliação de Santiago, que detecta nas atualizações

uma dissonância que enfraquece a fluidez narrativa, tornando o diálogo entre passado e presente menos orgânico e mais forçado [...], comprometendo a harmonia do projeto e caindo na armadilha de evocar os assuntos polêmicos apenas por efeito de presença, sem compromisso real com a reflexão sobre eles.

Transitando de forma instável entre a leveza de um musical infantil e a seriedade de tramas potencialmente profundas, **Arca de Noé** peca pela falta de coesão com o tema, e trai a proposta original, querendo o tempo inteiro parecer muito moderno (SANTIAGO, 2024, s. p.).

Andando em círculos, o crítico afirma que o diretor força uma

“atualização” que não assume o risco dos novos pensamentos e nem deixa que a essência do original esteja plena, construindo um musical animado à altura da genialidade e delicadeza da obra de Vinicius de Moraes. Para as crianças talvez funcione mais, pelo encanto que consegue trazer – especialmente durante o concurso musical na arca, o melhor momento do filme. Mas

<sup>10</sup> “não passa de uma enésima reinterpretação banal de uma história bíblica. Ao jogar a carta da paródia e do predomínio musical, a dupla de diretores certamente esperava se diferenciar das odisséias

anteriores. Em vão. O que resta é um entretenimento agradável desde que se saiba o que esperar assim que as luzes da sala se apagarem”



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

reina a impressão de que poderia ter abraçado com coragem tanto o lirismo da fonte, quanto as reflexões contemporâneas que resolveu inserir no projeto (SANTIAGO, 2024, s. p.).

A relação com a obra de Vinicius de Moraes é também mobilizada por Molinero, o qual acredita que as remissões ao universo contemporâneo estão muito distantes da proposta do livro:

Em **A arca de Noé**, o poetinha demonstra profundo respeito pela inteligência e pela sensibilidade da infância. Ele emprega o mesmo cuidado estético, a mesma costura poética e a mesma linguagem que sempre utilizou em sua poesia para adultos. Literatura e música se unem e jamais subestimam a criança.

[...] Já a animação **Arca de Noé** opta pelo caminho oposto. O filme prefere o entretenimento fast food, de absorção rápida. Enquanto Vinicius cria perguntas na cabeça de meninos e meninas, o longa se contenta em entregar respostas. É claro que as canções funcionam no cinema como coletes salva-vidas. Mas nem elas conseguem salvar a arca do naufrágio (MOLINERO, 2024, p. B9).

Machado afirma ter sido atraído pela anarquia presente na obra infantil do poeta: “São poemas que, na verdade, não se comunicam (no livro e nos discos). São bichos não heróis. É o pato pateta que derruba a tigela. São atrapalhados e fuleiros. Essa brasilidade está no

filme” (CASALETTI, 2024, p. C3). Esse viés anarquista, que os diretores transpuseram para o filme, não é notado por Bruno Carmelo, o qual salienta o aspecto político da produção de maneira peculiar. O artigo inicia-se com uma descrição impactante:

Um grupo desfavorecido luta para ser contemplado pelos planos do novo governo antidemocrático. Sofrendo com a fome e a miséria, estes indivíduos marginalizados precisam combater a ganância do líder autoritário, que se une a outros magnatas no intuito de concentrar poder e recursos. Este poderia ser o ponto de partida de um drama político, exceto pelo fato de que os personagens são ratos, leões, elefantes e baratas, construídos com os traços lúdicos do cinema de animação (CARMELO, 2024, s. p.).

Com essa descrição do enredo de **Arca de Noé**, o autor pretende chamar a atenção para a origem brasileira de uma produção para crianças que lida com “questões de organização social”. Além dessa novidade, o filme se distingue também pela “tentativa de inserir tais discussões tanto na lenda bíblica quanto nas canções baseadas em poemas de Vinicius de Moraes”. Feito esse preâmbulo, Carmelo define a película como “uma tentativa, tão ambiciosa quanto utópica, de promover uma obra agradável à direita religiosa e



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

à esquerda progressista” (CARMELO, 2024, s. p.).

Apesar de alguns excessos e falhas, o saldo é positivo e o autor conclui que a animação representa

uma tentativa importantíssima de estabelecer um **filme de meio**, capaz de dialogar com crítica e público, ou seja de promover reflexão crítica enquanto diverte com acenos à cultura pop e à música brasileira. Os diretores Sérgio Machado e Alois Di Leo não ignoram nenhuma parcela da sociedade, compreendendo a necessidade de abraçar tanto os grupos modernos quanto os conservadores, tanto a cultura popular quanto a erudita, tanto a Bíblia quanto a comunidade LGBTQIA+. Ele não conseguiu necessariamente contemplar estes grupos em profundidade, porém atesta para uma nova concepção de **blockbuster**, pensado especificamente para o caso brasileiro – num horizonte de conciliação política e ideológica. O resultado possui valor notável enquanto iniciativa e sintoma de sua época (CARMELO, 2024, s. p.).

## Reatando os fios

A recepção do filme, como visto anteriormente, não correspondeu aos auspícios de Carmelo. A direita religiosa ficou indignada com as liberdades tomadas pelos roteiristas em relação à narrativa bíblica, chegando a acusar o filme de blasfêmia. As reações de cristãos ofendidos com a representação de Noé como um hippie quase amalucado e de Deus como um

camarada descolado concentraram-se em aspectos específicos do filme, chegando a uma compreensão errônea de frases que convidavam a abaixar a tensão, mas, nem de longe, tiveram o impacto do último filme censurado no Brasil antes da promulgação da Constituição de 1988. **Je vous salue, Marie** (1985), de Jean-Luc Godard, foi alvo de uma ação intensiva da Igreja Católica que o condenou por considerá-lo obsceno e herético. A CNBB fez uma campanha exitosa pela não exibição da película no 2º Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro (1985). Seu secretário-geral, Dom Luciano Mendes de Almeida, expediu uma nota oficial, solicitando sua censura definitiva. O presidente José Sarney ordenou a interdição da obra em resposta à campanha da Igreja Católica e à pressão de grupos conservadores, inconformados com o vilipêndio feito à imagem de Nossa Senhora (S. A., 2023, s. p.; FARIA, 2022, s. p.), o que fez com que o filme só fosse exibido no Brasil em 1988. No caso de **Arca de Noé**, o tribunal das redes sociais, ao que tudo indica, atingiu um público específico, não tendo influído na exibição da película, que continua em cartaz em inúmeras salas de cinema.



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 1      Ano I      dez/2024  
ISSN 3085-7309

O filme, por outro lado, não foi uma unanimidade junto à crítica cinematográfica que, em alguns momentos, fez cobranças excessivas e até injustas, esquecida de que ele é, em primeiro lugar, uma produção dirigida ao público infantil, do qual procurou se aproximar com uma ou outra referência ao universo contemporâneo. Não há dúvida de que a película pretende divertir seu público-alvo, mas é necessário reconhecer que, por meio de brincadeiras e piadas, faz um convite a reconhecer e aceitar as

diferenças, a perceber a necessidade da união e da solidariedade para enfrentar abusos, além de exaltar a amizade como um valor inestimável. E isso não é um pouca coisa num país conflagrado que, em diversos momentos, dá a impressão de ter perdido o bom-senso. Se pensado dentro do contexto social atual, **Arca de Noé** é um filme político que usa o bom humor para chamar a atenção para uma série de problemas urgentes, fiel à máxima latina *castigat ridendo mores*.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTÔNIO JÚNIOR. Alerta aos pais! Novo filme Arca de Noé zomba da Bíblia. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=wRRBdbTswQQ](https://www.youtube.com/watch?v=wRRBdbTswQQ)>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- APOCALIPSE. In: **Bíblia sagrada**; trad. Pontifício Instituto Bíblico de Roma. São Paulo: Edições Paulinas, s. d.
- BELINCHÓN, Gregorio. Dilúvio universal, toró religioso. **El País**, 17 mar. 2014. Disponível em: <[brasil.elpais.com/brasil/2014/03/17/cultura/1395088286\\_493613.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/17/cultura/1395088286_493613.html)>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- CAETANO, Maria do Rosário. Arca de Noé, inspirado em poemas e canções de Vinicius, constrói-se como filme de ação frenética. **Revista de Cinema**, 4 nov. 2024. Disponível em: <[revistadecinema.com.br/2024/11/arca-de-noe-inspirado-em-poemas-e-cancoes-de-vinicius-constroi-se-como-filme-de-acao-frenetica](http://revistadecinema.com.br/2024/11/arca-de-noe-inspirado-em-poemas-e-cancoes-de-vinicius-constroi-se-como-filme-de-acao-frenetica)>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- CARMELO, Bruno. Arca de Noé (2024): a política para crianças. Disponível em: <[meioamargo.com/critica-arca-de-noe-2024](http://meioamargo.com/critica-arca-de-noe-2024)>. Acesso em: 30 nov. 2024.
- CASALETTI, Danilo. Arca de Noé celebra anarquia e a obra de Vinicius de Moraes. **O Estado de S. Paulo**, 9 nov. 2024, p. C3.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**; trad. Vera da Costa e Silva *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- ÊXODO. In: **Bíblia sagrada**; trad. Pontifício Instituto Bíblico de Roma. São Paulo: Edições Paulinas, s. d.
- FARIA, Isabella. Filme de Jean-Luc Godard foi censurado no Brasil em 1986 (13 set. 2022). Disponível em: <[cnnbrasil.com.br/entretenimento/filme-de-jean-luc-godard-foi-censurado-no-brasil-em-1986](http://cnnbrasil.com.br/entretenimento/filme-de-jean-luc-godard-foi-censurado-no-brasil-em-1986)>. Acesso em: 1º dez. 2024.
- GÊNESIS. In: **Bíblia sagrada**; trad. Pontifício Instituto Bíblico de Roma. São Paulo: Edições Paulinas, s. d.
- LOPES, Leiliane. Arca de Noé: Cristãos reprovam animação da Globo Filmes (13 nov. 2024). Disponível em: <[pleno.news/entretenimento/tv/arca-de-noe-cristaos-reprovam-animacao-da-globo-filmes.html](http://pleno.news/entretenimento/tv/arca-de-noe-cristaos-reprovam-animacao-da-globo-filmes.html)>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- MODESTO, Caio. Alerta para os cristãos. Não assistam o filme A arca de Noé – Descubram o motivo. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=EEbUyL4HQps](https://www.youtube.com/watch?v=EEbUyL4HQps)>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- MOLINERO, Bruno. Arca de Noé adapta a poesia de Vinicius de Moraes com clichês e subestima inteligência infantil. **Folha de S. Paulo**, 7 nov. 2024, p. B9.
- MORAES, Vinicius de. **A arca de Noé**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.
- NATHAN. (Critique) Les aventuriers de l'arche de Noé de Sergio Machado et Alois Di Leo. Focus on animation, 3 abr. 2024. Disponível em: <<https://www.focusonanimation.fr/critique-les-aventuriers-de-l-arche-de-noe-de-sergio-machado-et-alois-di-leo/50119>>. Acesso em: 28 out. 2024.
- NÚMEROS. In: **Bíblia sagrada**; trad. Pontifício Instituto Bíblico de Roma. São Paulo: Edições Paulinas, s. d.
- PORTAL DE PREFEITURA. Cristãos alertam pais sobre FILME Arca de Noé e sua abordagem LGBT. Não levem seus filhos (16 nov. 2024). Disponível em: <[portaldeprefeitura.com.br/religião/cristãos-alertam-pais-sobre-filme-arca-de-noe-e-sua-abordagem/583699](http://portaldeprefeitura.com.br/religião/cristãos-alertam-pais-sobre-filme-arca-de-noe-e-sua-abordagem/583699)>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- S. A. Je vous salue Marie, de Godard, o último filme censurado na ditadura (25 abr. 2023). Disponível em: <[documentosrevelados.com.br/je-vous-salue-marie-de-godard-o-ultimo-filme-censurado-na-ditadura](http://documentosrevelados.com.br/je-vous-salue-marie-de-godard-o-ultimo-filme-censurado-na-ditadura)>. Acesso em: 1º dez. 2024.
- SAFATLE, Vladimir. Uma era de crise psíquica. **Cult**, São Paulo, ano 27, n. 311, nov. 2024.
- SANTIAGO, Luiz. Crítica/Arca de Noé (2024) (8 nov. 2024). Disponível em: <[planocritico.com/critica-arca-de-noe-2024](http://planocritico.com/critica-arca-de-noe-2024)>. Acesso em: 16 nov. 2024.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem

Nº 1      Ano I      dez/2024

ISSN 3085-7309

---

<sup>i</sup> Professora titular aposentada da ECA/USP. Pesquisa atualmente as relações entre cinema de animação e artes visuais e entre fotografia e literatura.